

LEIA

AS OBRAS PATRIANOVISTAS:

Do Governo dos Príncipes,  
Para a Ordem nova e  
Raízes Históricas do Patrianovismo,  
de *A. Veiga Dos Santos*;

O Estado é meio e não fim e  
Santo António na Tradição Brasileira  
de *J. C. Ataliba Nogueira*,

Organização Profissional (Corporativismo)  
de *A. Paim Vieira*

(Editôra Anchieta, Xavier de Toledo, 216)

E PREPARE-SE PARA A

Convenção Patrianovista

de BELO HORIZONTE em Fevereiro de 1950.

2 1102 Part  
24 008

Acção Imperial Patrianovista Brasileira

8, Rua Silveira Martins - 3.0 — Imperial Cidade de São Paulo

PELA MONARQUIA

O CONGRESSO PATRIANOVISTA DE  
PÔRTO ALEGRE

Em 1928 fundou-se nesta Imperial cidade de São Paulo a Acção Imperial Patrianovista Brasileira, cuja vida foi um crescendo continuo até o dia da criação do Estado Novo (10-11-37). Neste regime a Acção recolheu-se esperando que as coisas pátrias se definissem e que as relações internacionais perigosas, incertas e inseguras se resolvessem com a salvação do Brasil, do Povo e da Nação. Não era prudente dificultar o governo, crear-lhe embaraços e muito menos dividir os brasileiros. A luta suprema se resumia em vencer a guerra. Todavia em 1945 o Estado Novo entregou os pontos e as liberdades políticas foram restabelecidas. O Patrianovismo lançou-se novamente em campo. Não que de todo tivesse morrido, mas porque se decidiu a agir com novas forças. As sementes voltaram outra vez aos campos. E os frutos vão aparecendo de modo surpreendente. Os velhos homens da primeira fase do Patrianovismo vêem na ressurreição que agora se presencia uma espécie de sonho. Entretanto não é sonho, é realidade. Dia a dia é mais comovedor o número de adesões. E isto é tanto mais belo e entusiasmador quanto mais se nota partirem as adesões das camadas juvenis, dos estudantes superiores e secundários exactamente aqueles que estão mais em contacto com a ciência e ainda não foram lançados por entre a multidão dos desiludidos e decisivamente cristalizados na desillusão, que á tanto leva a vida absurda e ruim que hoje devemos suportar no Brasil republicano.

Em Julho p. p., do dia 22 ao dia 25, realizou-se em Pôrto Alegre um Congresso de Dirigentes Patrianovistas do Sul. Diversos jornais fizeram referências ao facto em tom de mofa. Raros o noticiaram como deviam fazer. "A Gazeta" é um dos melhores diários que se publicam em São Paulo. Na edição de 27 de Julho p. p. trouxe um artigo inserto em "Bilhetes do Rio" intitulado-se "Monarquia" e "Walt Disney". Este artigo causou tal impressão adoptando um método tão antipático de escarnecer intellectuais e bons patriotas que os patrianovistas ficaram sem compreender que a Redacção de "A Gazeta" concordasse em publica-lo. Em vista do acontecido resolvi escrever a seguinte carta-resposta





## Monarquia e Walt Disney

(A Gazeta - 27-7-49)

PREZADO SR. REDACTOR

Lendo o artigo epígrafado não posso esquivar-me de fazer algumas observações dentre as numerosíssimas que poderia apresentar-lhe. Com sua licença e boa vontade ouça:

1 - Fico pasmado em saber que V. S. (sendo jornalista) esteja tão parcamente informado quanto ao movimento monárquico que sempre existiu no Brasil por êsses quase 60 anos de regime republicano intruso.

2 - Fico pasmado em saber que V. S. (sendo jornalista) ainda não saiba que a Acção Imperial Patrianovista Brasileira tem 20 anos de existência; já teve jornais e revistas em circulação por todo o país e que diversas publicações se espalham pelo Brasil inteiro propagando a doutrina monárquico-tradicional luso-brasileira. Este movimento sofreu um decréscimo compreensivo dada a proibição baixada pelo Estado Novo com relação aos movimentos políticos.

3 - Fico pasmado em saber que V. S. [sendo jornalista] endosse sem mais e nem menos o que corre por aí, sem ser verdade, a saber que existam duas correntes na Família Imperial Brasileira, e, mais, que os Príncipes não se enteadam, quando no entanto êles absolutamente não estão em luta recíproca. (N. B. - Conheço o Príncipe Herdeiro).

4 - Fico pasmado em ver que V. S. fala dos Príncipes sem conhecê-los, mas sòmente pelo que supõe e supõe mal. Diz por exemplo que os Príncipes não possuem preparo para governar. Pelo que depreendo de seu artigo posso dizer que V. S. é um leviano e que não entende patavina de política. Sua Alteza Imperial D. Pedro Henrique é formado pela Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da Sorbonne Francesa. Quero crer que V. S. nem saiba quem é D. Pedro Henrique... informo, para que V. S. não fale tão levianamente é o Herdeiro do Trono (sem contestação alguma, a não ser dos ignorantes).

5 - Fico pasmado em saber que V. S. (sendo jornalista) se ponha a ridicularizar os monarquistas brasileiros, cujo número não conhece, e muito menos as idéias. V. S. está levando em consideração apenas o serem poucos (ignorando que são muitos) e deduzindo daí que o regime monárquico é inferior ao republicano. Desconhece o conteúdo doutrinário que os Patrianovistas defendem e difundem, e já se põe a criticar, passando um perfeito atestado de que é um intelectual sem conteúdo filosófico e portanto muito barato.

6 - Fico pasmado em ver que V. S. (sendo jornalista) desconhece (completamente) a história do Brasil. Posso dizê-lo com segurança. Tenho curso de filosofia e leciono História e Geografia durante mais de 10 anos. V. S. não sabe História do Brasil, pois de qualquer compêndio de história se depreende que a idade de ouro de nossas realizações e de nossa civilização é a era da Monarquia, a nossa gloriosa ORIGINALIDADE NA AMERICA!

7 - Fico pasmado em saber que V. S. (sendo jornalista) seja um ignorante de sociologia, pois afirma que o estabelecimento de regime para nada serve pois tudo se alicerça no carácter do indivíduo e que uma sociedade vale pela soma dos caracteres individuais. Então, ilustradíssimo jornalista, responda se fôr capaz a esta pergunta: «Que é um regime político?» e a esta outra (se conseguir): «Que é forma de governo?».

8 - Fico pasmado em saber que V. S. (sendo jornalista) não tenha dois dedos de argúcia de argumentação. Afirma que os regimes são inúteis (tudo está no carácter de cada indivíduo) e todavia escreve um artigo, mais longo que de costume, para ridicularizar um punhado de pessoas que não conhece, as quais promovem um congresso pugnado por um regime. Sua atitude mais interessante e certa seria a de ficar quieto para não demonstrar tanta pobreza de espírito (cultura) e [perdoe-me] tanta ignorância.

9 - Para o futuro deve V. S. tomar conhecimento das coisas em primeiro lugar, em segundo raciocinar, em terceiro concluir e em quarto dizer e escrever suas conclusões.

10 - Termine pedindo ao ilustre jornalista que perdoe a dureza de minhas palavras, mas dura foram as suas em primeiro lugar. Estou respondendo. No futuro não me queira mal. E estude o Patrianovismo.

Esta é a carta aberta que desejo chegue ao conhecimento do malfadado articulista de «A Gazeta».

O movimento Patrianovista não é utopia. Está inscrito na História do Brasil. Ao final da primeira fase, em Novembro de 1937, os patrianovistas eram mais de duzentos e cincoenta mil (250.000). Eram, como agora, pessoas predominantemente intelectuais. Na fase de renovação do movimento estão a voltar os antigos monarquistas, enquanto que jovens de maior número, vão restaurando as forças da poderosa Acção Imperial Patrianovista Brasileira. Como exemplo dêstes frutos preciosos que a mocidade brasileira de hoje está oferecendo ao patrianovismo devemos citar Homero Barradas de 19 anos e Roberto Silva de 20 anos, os quais já moveram as forças riograndenses projectando, preparando e realizando o Congresso dos Dirigentes Patrianovistas do Sul em Porto Alegre com absoluto e inesperado êxito. De 1.º a 5 de Fevereiro de 1950 estarão os Patrianovistas reunidos, se Deus quiser, em Congresso na cidade de Belo Horizonte. Mocidade das montanhas mineiras: Por Deus! Pela Pátria! Pelo Imperador!

Pátria-Nova luta pelo restabelecimento de nossa tradição sócio-política luso-brasileira, que dispensa o republicanismo, o parlamentarismo, o presidencialismo, o partidarismo, o liberalismo, federalismo e o sucessorialismo. Estes regimes entraram no Brasil para destruí-lo. São o anti-Brasil. De nosso e de bom existe a tradição, cuja base está no regime monárquico em que o Soberano entrava em contacto contínuo com os governados mediante as corporações. Os partidos jamais foram organizações de representação popular. São artificios pelos quais se ilude o povo. No regime tradicional da Monarquia Orgânica através das corporações os povos se governam com ordem e geral satisfação, com justiça e equidade, com brio e valor.

Pátria-Nova sauda efusivamente a Mocidade do Brasil, congratula-se com os Homens Idosos e pede a Deus restaure no Trono D. Pedro Henrique, o qual, por direito hereditário e indiscutível, deve ser o nosso

Imperador Dom Pedro III

Imperial Cidade de São Paulo, 8-8-49. DR. ALFREDO TEIXEIRA DE JESUS, da APHELB (Academia Patrianovista de História e Economia Luso-Brasileiras)

Viva a Monarquia!